Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social

UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Ano VI•nº259•Uberaba/MG•de 9 a 15 de setembro de 2003

Arte da capa: André Azevedo da Fonseca

Memórias de um velho lobo do mar

As histórias de Pedro Lima, poeta que se aventurou pelos sete mares

págs. 6, 7 e 8

issuu-downloader.com

Editorial
Navegando na memória

reprodução

Viajar pelo mundo e conhecer as principais cidades de todos os continentes. Quem nunca sonhou com isso?

O aluno do 4º período Luis Felipe Silva descobriu alguém que conseguiu realizar esse sonho. A história do marinheiro Pedro Lima, suas aventuras e desventuras ao redor do mundo, são reveladas através da reportagem minunciosa de Luis Felipe.

Cada parágrafo remete o leitor à história de vida do velho lobo do mar, recriando-a de uma forma totalmente inusitada e imprevísivel, através do relato de suas memórias.

Cada parágrafo remete o leitor à história de vida do velho lobo do mar

A reportagem deixa o leitor com aquele gostinho de quero mais. É ler e navegar. Ao que tudo indica o marinheiro brasileiro visitará em outras oportunidades, as páginas do **Revelação**, revelando um pouco mais da sua rica história ao redor do mundo.

Não podemos também, deixar de agradecer a grande participação do 4º período de jornalismo pelo entusiasmo em realizar matérias para esta edição. Valeu moçada!

OMBUDSMAN
Argumento de autoridade

Newton Luís Mamede

Têm repercutido de maneira positiva os artigos que vimos escrevendo a respeito da confiança nem sempre existente, ou da confiança abalada, no ensino ou no trabalho específico de uma universidade. Em especial, exemplificamos o fato com a confusão que se faz a respeito da etimologia da palavra *aluno*, quando, erroneamente, foi inventado o absurdo de que ela significa "ausência de luz", e, conseqüentemente, ela deve ser substituída pela palavra *estudante*. E, no arrazoado, questionamos a confiabilidade, a seriedade e a responsabilidade das escolas superiores, da universidade, quando ela ensina, prega e adota erros, *inverdades*, conceitos falsos. E, ainda, afirmamos que muitos dos professores ou autoridades pedagógicas que adotam e pregam os tais erros, *inverdades*, conceitos falsos são eminentes pedagogos, ou detentores de cursos de pós-graduação, como mestrado e doutorado. E concluímos: então, em quem confiar?, ou: como confiar na universidade?

O que vem à tona, agora, é o comportamento, ou a atitude de pessoas (professores, pedagogos em geral, estudantes) que acreditam naquilo que aprendem, sem a devida *confirmação* ou pesquisa em fonte segura, para que seu conhecimento tenha maturidade e validade científica. Maturidade e validade que geram a confiança e a segurança de que professores e a universidade são, ou devem ser, merecedores.

A coisa funciona assim: como nem todo o mundo é formado em todos os cursos, ou tem conhecimento de todas as áreas do saber humano (o que é impossível), então todos confiam na ***autoridade*** daquele que emite um conceito referente à própria área de formação intelectual, científica e acadêmica. Exemplo: se eu não sou médico, então eu confio (ao menos *a priori*) naquilo que um médico me diz; se eu não sou físico, então eu confio naquilo que um físico me diz; se eu não sou professor de português, então eu acredito naquilo que um professor de português me diz, ou me **ensina**; etc. Ora, então minha confiança baseia-se na autoridade do médico, ou do físico, ou do professor de português. Autoridade de quem estudou e se formou naquelas áreas, ou de quem é detentor do conhecimento científico próprio daquelas áreas.

Agora, o problema: como confiar numa autoridade que negligencia a própria autoridade? Se a autoridade num assunto emite conceitos absurdos, errados, falsos sobre esse mesmo assunto, como pode inspirar confiança? Se pedagogos ou militantes em educação proferem e pregam o errado, como confiar na educação praticada por eles, ou pelas instituições em que eles atuam? E como confiar nessas instituições?...

Acresce, ainda, outro problema: ninguém dispõe de tempo para pesquisar e *conferir* tudo o que ouve ou aprende de uma autoridade num assunto, por isso confia. Mesmo que a autoridade emita erros. E, o pior: muitos confiam, com base apenas na autoridade do *mestre*. E preferem continuar acreditando no *mestre*, principalmente se for do tipo *medalhão*, a pesquisar a verdade, a conferir o que ele proferiu. Preferem continuar acreditando no erro, no absurdo, só porque foi um *medalhão* que inventou e ensinou assim, a conferir e pesquisar na fonte certa, segura. O argumento que usam é a autoridade do *mestre*, como se apenas ele fosse autoridade. E desprezam as reais autoridades.

O que é necessário é, tão-somente, agir com inteligência e com senso crítico. O conhecimento científico não pode restringir-se apenas à autoridade e à opinião de simples professores e autores, só porque são nossos conhecidos, ou nossos "ídolos". E, para saber qual é a verdadeira autoridade em ciência, em conhecimento científico, basta ser dotado do que afirmamos logo acima: inteligência e senso crítico.

Newton Luís Mamede é Ombudsman da Universidade de Uberaba

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba (revelacao@uniube.br)

Supervisora da Central de Produção: Alzira Borges Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Projeto gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenador da habilitação em Jornalismo: Raul Osório Vargas (raul.vargas@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Karla Brges (karla.borges@uniube.br) • • • Professoras Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Neirimar de Castilho Ferreira (neiri.ferreira@uniube.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Analista de Sistemas: Cláudio Maia Leopoldo (claudio.leopoldo@uniube.br) • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Gráfica Imprima

Fale conosco: Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Jornal Revelação - Sala L 18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8953 http:/www.revelacaoonline.uniube.br • • • Escreva para o painel do leitor: paineldoleitor@uniube.br - As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

issuu-downloader.com

Esporte

Jogos de Medicina traz a Uberaba estudantes de várias cidades

Futebol, futsal, handebol, vôlei, basquete, xadrez, tênis de mesa, tênis de campo, natação, peteca e atletismo unem alunos

Simone Silva
6º período de Jornalismo

Entre os dias três e seis de setembro, Uberaba foi palco da INTERMED, jogos que a cada ano são realizados por uma faculdade de medicina em Minas Gerais. A comissão organizadora da INTERMED deste ano contou com integrantes da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, FMTM e da Uniube, que viabilizaram a realização do evento na cidade.

Futebol, futsal, handebol, vôlei, basquete, xadrez, tênis de mesa, tênis de campo, natação, peteca e atletismo compõem as modalidades praticadas pelos competidores da INTERMED. Os alunos da faculdade de Medicina da Uniube participaram pela primeira vez e embora tenham treinado durante apenas um mês, o resultado é satisfatório pois conquistaram o 6º lugar na classificação geral.

Com o evento, os alunos, têm a possibilidade trocar informações e fazer novas amizades

João Paulo Maneira Bittar, estudante do 5º período de Medicina na Uniube, jogador e um dos organizadores, comenta que o 6º lugar obtido pela equipe é um bom resultado. Ele elogia a charanga – torcida - da Uniube pois segundo João era a mais organizada, todos os envolvidos usando uniformes e não promoveram bagunça. "Tudo perde ponto como bagunça na torcida, charanga sem uniforme, jogadores sem uniforme, quando alguém entra na quadra que não seja jogador entre outras coisas", disse João Paulo.

Os estudantes de Medicina da Uniube estão muito felizes com a estréia no INTERMED. Além de conquistarem uma boa classificação no placar geral, os integrantes da Comissão Geral do evento elogiaram muito tanto os atletas quanto a torcida, que é considerada uma categoria à parte. As torcidas que promovem desordem ou que assiste ao jogos sem uniformes, por exemplo, somam pontos negativos para as equipes.

O ginásio do Uberaba Tênis Clube, UTC foi palco da abertura do evento e da realização dos primeiros jogos. A praça Thomaz Ulhôa, onde está localizado o UTC, ficou lotada de estudantes, atletas e torcedores, com seus uniformes coloridos. No dia três especialmente todas as imediações da praça exalavam uma alegria jovial.

Depois da abertura, só permaneceram na quadra do clube, aqueles que realmente compareceram com a intenção de jogar e torcer. Outros grupos de estudantes lotavam os bares e as ruas da cidade com suas canecas cheias de cerveja, onde a diversão e a paquera rolavam soltas.

Com o evento, os estudantes, têm a possibilidade de se interagirem, trocar informações do curso e dos jogos, fazer novas amizades, além de aliviarem o cansaço e as exigências que o curso de medicina lhes impõem.

Juliana Zoboli, estudante do 5º período de medicina na FMTM é uma das organizadoras. Ela revela que é difícil realizar o evento principalmente quando se trata de providenciar alojamento para aproximadamente 2500 estudantes. Esses alojamentos são grátis.

Segundo ela, os alunos que participam do INTERMED têm também a oportunidade de se divertir muito. Durante os quatro dias de jogos a comissão organizadora promoveu também quatro festas temáticas. As que fizeram mais sucesso foram: "Preto e Branco" e "Blackout"

Ao todo, estudantes de 12 faculdades de Medicina participaram do INTERMED

Além de encontrar atletas e torcedores dedicados era fácil identificar gente que só veio à cidade para fazer farra. "Só vim prá beber o jogo fica em segundo plano", diz Daniel Sebe Mecatti, estudante do 6º ano de Medicina de Pouso Alegre, MG. Com o mesmo intuito de Daniel, Júlio Rocha Pimenta, estudante do 3º período da UFMG, veio como torcedor só para fazer farra e se divertir.

Já Ana Cristina Ferreira Ribeiro, estudante do 3º período na UFMG, fala que a farra é boa, mas como gosta muito de esportes, os jogos vêem em primeiro lugar. Participante pela primeira vez, ela disse conciliar os treinos com o estudo.

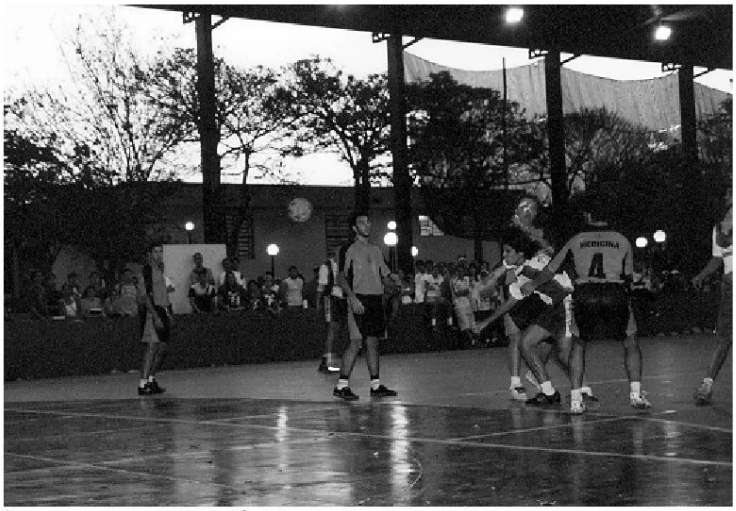
Ao todo, estudantes de 12 faculdades de Medicina participaram do INTERMED - 10 de Minas Gerais: Uberaba e Belo Horizonte com duas, Itajubá, Barbacena, Pouso Alegre, Uberlândia, Alfenas e Juiz de Fora; Rio Preto, SP e Goiânia, GO.

Fotos: José Rodolfo Rodrigues

Atletas de várias escolas de medicina defenderam suas camisas durante o Intermed

Os seis primeiros colocados foram:

1º lugar: UFMG - Belo Horizonte - MG
2º lugar: UFU - Uberlândia - MG
3º lugar: FANERP - Rio Preto - SP
4º lugar: FCMMG - Belo Horizonte - MG
5º lugar: UFJF - Juiz de Fora - MG
6º lugar: UNIUBE - Uberaba - MG



Comportamento da torcida também foi pontuado nos jogos

Competidores participaram em várias modalidades

issuu-downloader.com

Curso de Turismo inaugura agência

Alunos aprendem na prática o dia-a-dia da profissão

Raika Julie Moisés
4º período Jornalismo

Já está funcionando no campus Aeroporto da Universidade de Uberaba, a agência modelo de viagens Flytour. A inauguração aconteceu no último dia 29 e além da presença de alunos, professores e a diretora do curso de turismo, Ana Paula Cunha de Oliveira, também esteve presente o diretor da Flytour em São Paulo, Carlos Panini e o reitor da Universidade de Uberaba, Marcelo Palmério.

Objetivo da Flytour é motivar a participação dos alunos do curso de turismo

A matriz da agência localiza-se em São Paulo e a filial mais próxima em Uberlândia. O objetivo da Flytour é motivar a participação dos alunos do curso de turismo. "Os alunos já obtêm a prática dentro da faculdade, pois executam funções comuns a uma agência de viagens, lidando com o cliente, reservando passagens aéreas entre outras atividades. Fernanda Vilela, estudante de turismo e estagiária da agência, já está passando por este processo", afirma a consultora de viagens da Flytour Manuela de Sousa Oliveira.

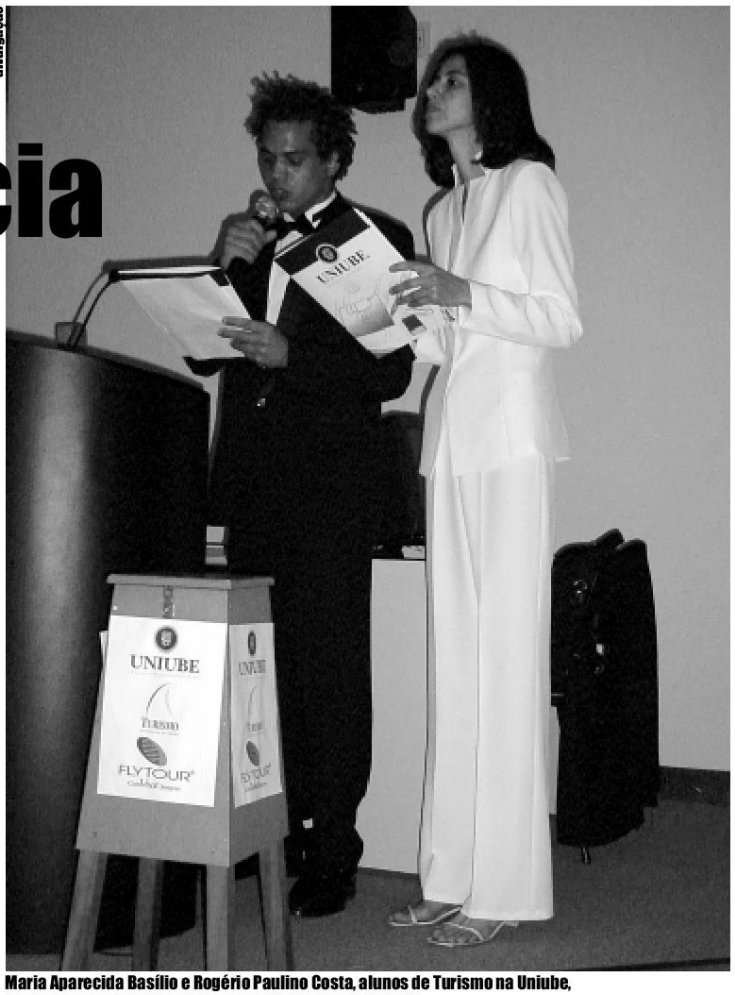
Os serviços oferecidos pela agência, tais como, pacotes de viagens nacionais e internacionais, cruzeiros e solicitação de vistos, estão disponíveis para toda a comunidade. Exceto o desconto de 3% em passagens aéreas que está restrito a funcionários e estudantes da Uniube, resultado de um convênio entre a universidade e a Flytour.

A consultora de viagens da Flytour, diz que o público que mais tem procurado os serviços da agência são os funcionários, e esses têm se mostrado satisfeitos, "porém com a proximidade do período de férias, espera-se um aumento no número de alunos, principalmente, nos pacotes de aventura que a agência oferece como o Backpacking", completa Manuela.

A agência trabalha em horário comercial, das 8h às 18h, de segunda à sexta-feira e futuramente funcionará aos sábados.

Para as pessoas que gostam de viajar, recomenda-se que já se organizem, pois a Flytour estará de portas abertas para recebê-los, oferecendo serviços com qualidade e eficiência.

divulgação



Maria Aparecida Basílio e Rogério Paulino Costa, alunos de Turismo na Uniube, anunciam a agência Flytour na cerimônia de inauguração

(da esq. p/ a dir.) Sandra Ribeiro, gerente da Flytour de Uberlândia; Adriana Gomes de Moraes, professora do curso de Turismo; Carlos Panini, gerente de franchising da Flytour, Marcelo Palmério, reitor da Uniube; e Ana Paula Cunha de Oliveira, diretora do curso de Turismo

Uniube promove Jubileu de Ouro

Simone Silva
6º período de Jornalismo

Ex-alunos da Faculdade de Odontologia do Triângulo Mineiro e seus familiares comemoram em Uberaba nos dias 25 e 26 seu **Jubileu de Ouro**. Quando se formaram em 1953 a turma era composta por 80 alunos, cuja maoria já confirmou presença nas atividades do evento. É a quarta vez que a Uniube promove o Jubileu de Ouro em Uberaba e para esta versão o homenageado é o professor Suttam Mattar, que desde aquela época vem prestando seus serviços à Universidade de Uberaba.

Com essa confraternização, os egressos tem a possibilidade de se reencontrar e relembrar o tempo de quando estudavam juntos.

25/09/2003- Quinta-feira
16h- Recepção de boas-vindas - Centro Cultural Cecília Palmério
17h- Descerramento da placa comemorativa - Policlínica Getúlio Vargas
18h- Visita ao Campus Aeroporto

26/09/2003- Sexta-feira
10h- Aula da saudade - Centro Cultural Cecília Palmério
Tarde livre
20:00- Solenidade de Outorga do Título de Professor Emérito e Diploma do Mérito Universitário
Local: Biblioteca Central do Campus Aeroporto
21:00- Coquetel de confraternização - Biblioteca Central do Campus Aeroporto

issuu-downloader.com

Cidadania

Irmã Anita: uma vida dedicada ao próximo

A igreja São José Operário, juntamente com a Creche Comunitária Dona Marta Carneiro e com o Centro Comunitário Materno São José Operário, são realizações de anos de trabalho e dedicação à comunidade

Karine Rogério
4º período de Jornalismo

"Foi com os Franciscanos que despertei para aprender muito para ajudar o outro", assim lembra irmã Anita, com voz pausada e suave, do início da década de 40, quando estudou um ano do "ginásio" em Jardinópolis com os Franciscanos. De sua infância, ela recorda que teve uma família feliz, e fala em especial de sua mãe muito exigente e de seu pai bastante compreensivo. Irmã Anita aprendeu a viver na presença de Deus mesmo com seus pais frequentando a igreja apenas exporadicamente. Ela sente saudades de quando era Soldadinho de Cristo: "nós cantávamos: *Valentes soldadinhos precisamos combater os defeitos mais daninhos pra gente dar só prazer...*".

Quando jovem, participou da Ação Católica onde integrou-se à Juventude Estudantil Católica e à Juventude Independente Católica. Foi no Colégio Nossa Senhora das Dores, onde sempre estudou, que a irmã decidiu-se pela vida religiosa por ter se apaixonado por Jesus, São Paulo e São Domingos. Ela também revela que grandes líderes da História Antiga serviam-lhe como modelo, "eu não me esqueço de Demóstenes que era gago e foi para a beira do rio falar até conseguir se dominar. Aquilo me marcava, quer dizer, nós somos capazes e até um defeito físico podemos mudar".

Logo no início de sua vida religiosa, em meados dos anos 50, mudou-se para a França, onde morou por três anos. Quando voltou ao Brasil, residiu na região Sudeste, Centroeste e Norte. Irmã Anita conta que trabalhou muito nesses lugares, "tinha uma dedicação e um amor muito grande por aquele povo, nós tínhamos o desejo constante de formar lideranças, queríamos que houvesse muitos brasileiros conscientes. Assim criávamos oportunidades para que os alunos também pudessem viver esse ideal". Morou também no Paraná e no Rio Grande do Sul, onde conta que despertou para uma ação consciente politizada, "foi quando a Teologia da Libertação estava com toda força e impulsionava uma ação consciente", conta a irmã.

Irmã Anita voltou para Uberaba em 1976 com uma enorme vontade de trabalhar nas chamadas Comunidades Eclesiais de Base. "Junto com a irmã Terezinha descobrimos o Gameleira e mudamos para lá. A região era composta na maior parte pastos, as casas eram barracos de retalho de madeira e lata aberta. Não tinha água encanada, usávamos cisterna e a energia elética não era limitada, andávamos com lamparina para fazer reunião com o povo". Há vinte e oito anos ela trabalha em prol da comunidade carente do bairro Gameleira, na periferia de Uberaba.

arquivo pessoal

Irmã Anita na rua onde começou a construção da creche, em 1979

A atual Avenida Coronel Joaquim de Oliveira Prata, consistia na década de 70 apenas trilhos de trem, e a população local morava às margens da linha. Com a desativação da estrada de ferro e a prefeitura resolveu construir ali uma avenida. O prefeito da época, Silvério Cartafina mandou derrubar o que ali estivesse para a viabilização do projeto. Irmã Anita lembra perfeitamente daquele momento que hoje é parte da história da cidade e que foi vivido por ela e por toda aquela gente.

As pessoas que ali moravam nào dispunham de bens materiais,e o pouco que possuiam era fundamental para sua sobrevivência. "O povo veio aqui reclamar que tinham arrancado o pé de chuchu, e que tinham matado a galinha, ou seja, aquilo era o que eles tinham de valor", lembra irmã Anita. Junto com a irmã Terezinha organizaram a comunidade e fizeram um levantamento de todas as pessoas que ali moravam e de suas reivindicações.

Segundo a irmã, em torno de oitenta pessoas foram à prefeitura, "Uma atitude muito boa do Cartafina era ele receber o povo. Ele mandou parar de derrubar os barracos e nos pediu o cadastro de todas as famílias, mandou um fotógrafo e com esse trabalho ele conseguiu 150 embriões do que hoje é o Conjunto Cartafina". Embriões são casas com quarto, sala e cozinha com terreno suficiente para que se pudesse continuar construindo posteriormente.

"Nós conseguimos levar o povo em caminhada para lá, e foi tão bonita aquela procissão. Todos cantavam *"Pise firme meu irmão, pise firme que esse é nosso chão, e todo mundo chorava de alegria"*

Dedicação

Para que as famílias pudessem mudar, foi exigido dos futuros moradores a compra dos hidrômetros para que a água pudesse ser ligada, o que impedia a mudança pois as pessoas não possuiam tal dinheiro. A solução encontrada foi a irmã Terezinha, que sempre esteve trabalhando junto à irmã Anita, e que tinha saído do seu cargo de coordenadora do Colégio Nossa Senhora das Dores. Com seu fundo de garantia comprou os hidrômetros que eram necessários. "Nós conseguimos levar o povo em caminhada para lá, e foi tão bonita aquela procissão. Todos cantavam *"Pise firme meu irmão,pise firme que esse é nosso chão, e todo mundo chorava de alegria"*. Depois de algum tempo a mesma coisa ocorreu com as casas da antiga avenida Carangola, atual Orlando Rodrigues da Cunha. Mais uma vez as irmãs conseguiram que as casas não fossem derrubadas, "nós tivemos sorte de ter um prefeito que atendia" explica.

Na ocasião, toda a comunidade local buscava a construção de uma creche, e quem lutava por isso com mais ardor e dedicação era Dona Marta, esposa de Seu Belchior Carneiro, que se compadecia da situação das crianças do bairro "Os meninos andavam na rua, pelas valetas onde passava água, cachorro, porco. Eram aqueles meninos barrigudos, cheios de vermes e foi do desejo da Dona Marta que tudo começou", lembra irmã Anita.

O trabalho com as crianças começou na casa das irmãs passando depois para a igreja que já estava levantada. A construção da creche aconteceu por mutirão utilizando material de uma casa doada pela Uniube, outra pela ABCZ e uma mecanografia da extinta Fista (Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino). "As casas foram dadas com a intenção de nós desmancharmos deixando o terreno limpo. Havia na mecanografia oito mil tijolos trançados fazendo o alicerce, foi então que resolvemos fazer o segundo andar da creche", comenta a irmã. Ao todo, com o material das casas doadas foi construída a creche, a cobertura de três casas e a construção de dez barracões.

Atualmente, com o nome de Creche Comunitária Dona Marta Carneiro, em homenagem a quem primeiro sonhou com ela, atende hoje mais de quatrocentas crianças. Posteriormente foi criada também outra entidade chamada Centro Comunitário Materno São José Operário, "aí nós diversificamos o trabalho, ou melhor, fizemos uma rede. Criamos berçário e maternal para os pequenininhos, trabalhamos a educação infantil e ainda continuamos o trabalho com os adolescentes", explica irmã Anita. Existe hoje o projeto "Os Meninos", que começou com uma horta comunitária, uma pequena fábrica de sabão e que depois passou a fabricar produtos de limpeza, "veio de São Paulo um técnico da Gessy Lever para preparar o nosso técnico. A gente está trabalhando não tendo os meninos como empregados, mas como construtores de uma nova forma de sobrevivência".

Outros projetos têm como fundamento a formação dos adolescentes, como "Pequeno Cientista", "Meninos do Olodum", "Conhecendo Nosso País", além de programas de saúde que são feitos em convênio com a Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro. Para dar continuidade ao trabalho realizado com os jovens maiores de dezoito anos, está sendo criada uma cooperativa dos próprios adolescentes, pois para irmã Anita é preciso trabalhar muito na formação de novas lideranças.

issuu-downloader.com

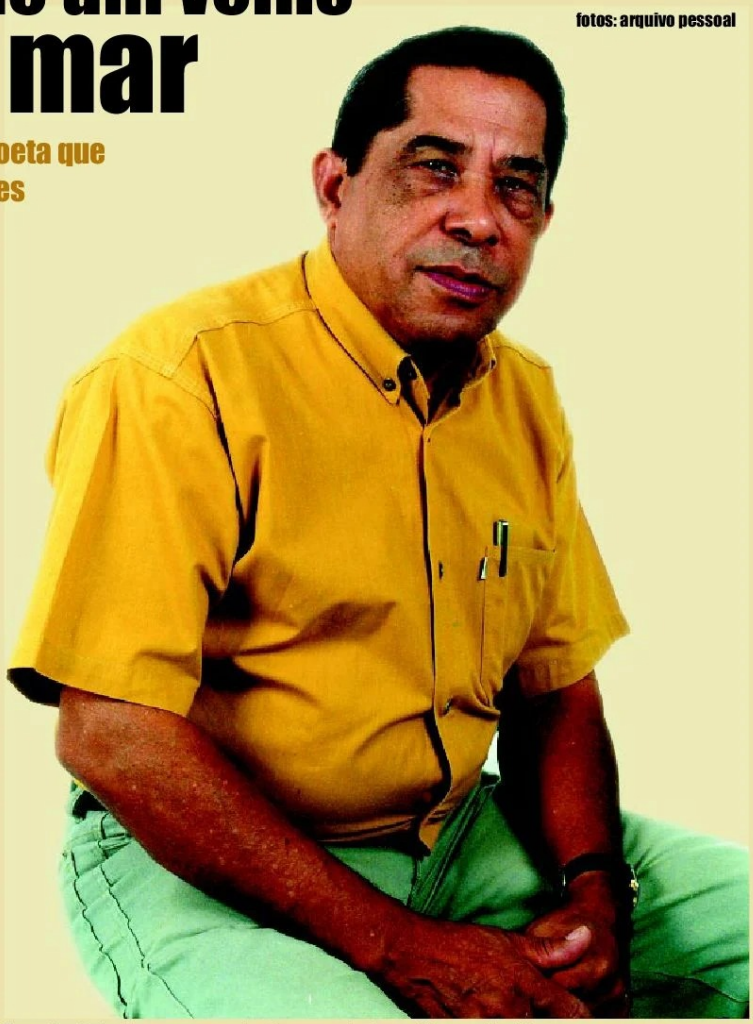
Volta ao mundo

Memórias de um velho lobo do mar

As histórias de Pedro Lima, poeta que se aventurou pelos sete mares

Luis Felipe Silva
4º período de Jornalismo

fotos: arquivo pessoal



O escritor Pedro Lima navegou pelo planeta e colecionou diversas histórias e aventuras

Escritor de certo renome na região do Triângulo Mineiro, Pedro Lima é uma pessoa que tem uma história muito rica para contar. Seu amor pelas artes o fez realizar incursões na pintura, música e teatro, mas foi na literatura que encontrou sua maior paixão. Durante a juventude teve a oportunidade de se aventurar pelo mundo, conhecendo as mais diversas culturas, povos e histórias, a bordo da marinha mercante brasileira. Ouvi-lo contar estas histórias é uma experiência única, uma verdadeira viagem pelo tempo, proporcionada pela habilidade narrativa do escritor.

O ano, 1958, o então sapateiro no Rio de Janeiro, Pedro Lima, era uma pessoa sem grandes perspectivas: não se preocupava com o futuro, nem possuía um passado que pudesse lhe proporcionar alguma comodidade. Tudo mudou quando ele conheceu um boina azul, que tinha acabado de voltar de uma missão de paz das Nações Unidas na região da Faixa de Gaza, viajem esta que havia proporcionado conhecer as pirâmides no Egito. O jovem sapateiro ficou muito impressionado e intrigado com os relatos do marinheiro. Como deveriam ser os locais, que ele só ouvira falar em jornais, e relatos de viajantes. Sua curiosidade bastou para que a decisão fosse tomada. "Também vou conhecer o mundo!" pensou.

Com este intuito o jovem aventureiro se alistou na marinha mercante. Naquela época, não era necessário muito estudo para se tornar um marinheiro. Aliás, ser marinheiro não trazia nenhum prestígio. Após a convocação, Pedro ficou lado a lado com ex-presidiários, maridos expulsos dos lares, filhos deserdados, entre outras tantas pessoas que viam na marinha uma oportunidade para poder "fugir" dos problemas e erros do passado. Já a bordo, e sem olhar para trás, partia a tripulação do *Lorde Brasileiro*, e Pedro, ainda sem saber o que o esperava, procurava se adaptar aquela nova realidade.

Em1958 o então sapateiro no Rio de Janeiro, Pedro Lima, era uma pessoa sem grandes perspectivas

A vida em alto mar não era tão fácil quanto parecia, principalmente para um "moço-de-convés, que ficava responsável pela faxina do navio cargueiro. O balanço do mar e o cheiro de maresia causavam enjôo nos novatos, mas eram logo assimilados com o passar dos dias. Rápida também era a adaptação ao pequeno espaço físico em que os marujos deveriam se alojar, um espaço onde cabiam apenas uma cama, com uma gaveta embaixo, para que o marinheiro pudesse guardar seus pertences, e uma rede por cima, para dormir nos dias mais quentes.

Mas, se a vida a bordo do navio já não trazia nenhuma surpresa, o mar se mostrava uma fonte de inesgotável inspiração. Já possuindo um espírito de artista, Pedro Lima não se cansava de admirar as belezas do mar, como peixes que pareciam voar sobre as ondas, ou as cores do pôr-do-sol, tudo era digno de poesias, que ele escreveu aos montes. Muitas vezes tendo que dizer que haviam sido escritas por outras pessoas, dado o descrédito de alguns de seus companheiros, que não julgavam que um reles marinheiro como ele pudesse se bancar a poeta. Pedro não se importava, fazia justamente o oposto: criava histórias parecidas com a dos companheiros para não ficar deslocado.

Apesar de não ter quem o acompanhasse durante suas aventuras em terra firme, Pedro se dava bem com os outros tripulantes

Não adiantava. Pedro era realmente diferente. Ao contrário da maioria dos companheiros, que procuravam apagar as tristezas através de bebidas ou compensar os dias de solidão em alto mar com alguma rameira que rondava os portos, Pedro preferia seguir com seu ímpeto de aventureiro, conhecendo as belezas do mundo. Tão logo a tripulação desembarcava em um país diferente, lá estava ele, se misturando a turistas, visitando museus, pontos turísticos e cidades em geral. Isso lhe rendeu fama de ter espírito de rico, mas não fazia mal, era pra isso que ele estava ali.

Apesar de não ter quem o acompanhasse durante suas aventuras em terra firme, Pedro se dava bem com os outros tripulantes. Buscando minimizar o sentimento de solidão, eles se reuniam nos momentos de folga para contar histórias, desabafar as mágoas do passado, ou simplesmente para tocar um pouco de música. Pedro tocava clarineta, objeto que tratava com carinho especial, em troca dos momentos especiais que ela o proporcionara.

A relação com os tripulantes de outras embarcações também era a melhor possível. Ancorados em algum porto ou esperando sua vez de passar pelo concorrido Estreito de Gibraltar, (espera essa que podia levar semanas), Pedro conheceu marujos de várias nacionalidades, tendo conhecido embarcações das mais diversas regiões, principalmente russas. "Só não conheci embarcações americanas. Nelas, nenhum estrangeiro pode entrar", conta com um sorriso no rosto revelando com toda intensidade de sua opinião sobre isso. "Talvez seja por isso que eles se tornaram uma superpotência!", opina.

Viajando ao redor do mundo

Durante as inúmeras viagens que fez ao redor do mundo, Pedro Lima teve a oportuni-

"Como é rica a natu
Com uma imensa ri
Que nunca chega ao

Com um poder tão p
As águas que banha
Foi Deus que lhe fe

Pra terra pouca dif
Que às vezes em nos
Peixe imitam andor

Se um dia a nature
Se aborrecer com a
E me jogar ao aban

Mesmo nadando em
Uma respiração val
E uma garra de tá

issuu-downloader.com

ureza
queza
o fim

profundo
am o mundo
z assim

ferença
sa presença
rinhas

za
fraqueza
dono

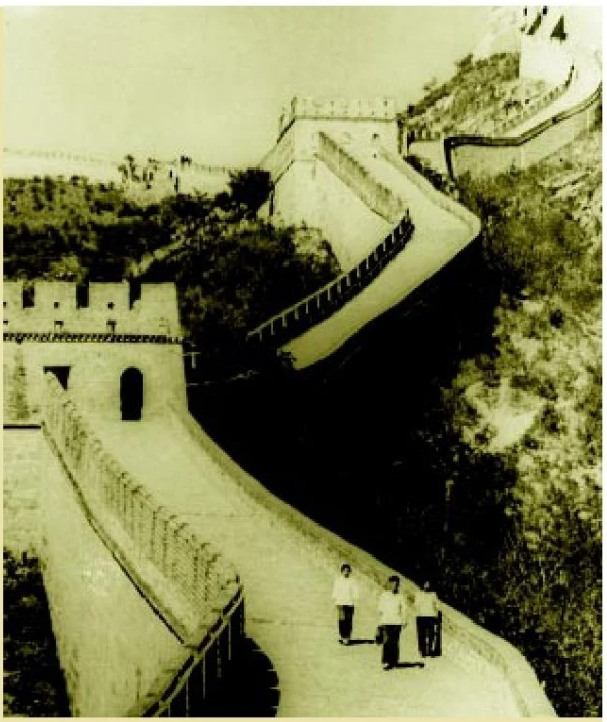
ouro
e um tesouro
ua mais do que um trono"

Pedro Lima

dade de conhecer todos os continentes. O marinheiro se recorda do calor extremo do costa africana com a mesma intensidade das recordações de quando ficava preso esperando navios quebra-gelos no Oceano Ártico.

Pedro se recorda como se fosse hoje o dia em que desembarcou pela primeira vez na Europa, o primeiro lugar em que pisou quando saiu da terra natal. Era o famoso Porto de Marselha, e ele não podia ver a hora de conhecer um povo de costumes tão diferentes dos seus. Ele só não imaginava ver pessoas agindo de uma forma tão moderna. Mulheres faziam top less, enquanto os homens usavam estranhos trajes de banho. A reação não poderia ser diferente vinda de um jovem que pouco conhecia sobre o mundo. Ele ficou apavorado! O mesmo aconteceu ao ver o comportamento rebelde dos jovens ingleses que mais tarde serviriam de inspiração para o movimento hippie. "Como o mundo era diverso", refletiu.

Ao contrário do que muitos possam estar pensando, o fato de Pedro ser um brasileiro em meio aos europeus não fazia com que ele fosse discriminado, na verdade eles se espantavam



Pedro fotografa a Muralha da China, uma das maiores construções do planeta

perguntando se eram reais os relatos de belezas infinitas do país. Perguntavam sobre Pelé, que acabara de surgir para o mundo, sobre o Rio de Janeiro e seus cartões postais, ou ainda sobre a fauna e flora. Naquela época o Brasil era bem visto, respeitado, ninguém entendia como um pais tão grande não figurava entre os mais ricos.

Pedro também visitou a Ásia e África, e desses lugares, guarda as imagens mais tristes de sua jornada. O lobo-do-mar jamais havia visto tanta pobreza. Mas também se encantou com exotismo daqueles povos, principalmente os árabes e chineses, com hábitos tão opostos aos nossos. Ainda na Ásia, ele pôde conhecer o Japão, mas com receio de se aproximar dos japoneses, que graças ao apoio ao regime nazista durante a Segunda Guerra Mundial, tinham fama de malvados e traiçoeiros.

Aquele período também ficou marcada como uma época de grande tensão decorrente das hostilidades entre a União Soviética e os Estados Unidos, durante o período que ficou conhecido como Guerra Fria. Mas ao contrário do que se esperaria de marinheiros que sempre estavam em contato com embarcações das duas superpotências, nenhum deles se preocupava com o assunto, a não ser quando estavam dentro de um daqueles países. O curioso é que ao contrário do que a maioria possa imaginar, a vida na União Soviética não era tão bonita quanto pintavam nossos comunistas. O que Pedro pôde ver, foi um país sem identidade, que tentava de todas as maneiras copiar o estilo de vida norte-americano, onde as pessoas sem dinheiro queriam viver o luxo e a ostentação, contemplado de peto pelo marinheiro na terra do Tio Sam. "Lá tudo é grande e luxuoso. Você vale o que tem e não o que é, mas de certa forma é assim em todo o mundo...", analisou.

Certa vez, em Leningrado, União Soviética, Pedro parou para admirar uma vitrine com televisores coloridos, que não existiam no Brasil, quando fez um comentário com a moça que estava ao seu lado, para sua surpresa, ela respondeu em português. Era brasileira, morava em São Carlos-SP, em frente a uma fábrica de lápis chamada João Fabi. Seu nome porém, Pedro não se lembrou de perguntar, tão empolgado estava com a novidade.

Sobre as belezas que vu ele recorda deslumbrado das obras de DaVinci e Michelângelo expostas nos museus italianos, da imensidão do Buda de Nara, no Japão, da beleza da Muralha da China e da Estátua da Liberdade em Nova Iorque. E ele também se lembra com um carinho todo especial das pirâmides do Egito, aquelas que motivaram no começo da aventura. Era deslumbrante ver a imensidão daquela obra tão envolta de mistérios, os quais aumentavam a cada instante. Mais uma vez ele havia ido sozinho, acompanhando os turistas, mas desta vez não foi porque os outros queriam se esbaldar nas boates, mas sim pelo medo das lendas que envolviam múmias serem mais do que meras histórias para assustar curiosos.

Pedro também visitou a Ásia e África, e desses lugares, guarda as imagens mais tristes de sua jornada

continua

Na inglaterra, presenciou a rebeldia de jovens que mais tarde agitariamos anos 60

issuu-downloader.com

Jogado a própria sorte

Mas Pedro não passou apenas bons momentos durante sua estadia na marinha. Foi nela também que ele viveu o seu maior drama: o naufrágio de sua embarcação.

Durante uma entrega de medicamentos em Fernando de Noronha, os companheiros de Pedro aproveitaram para mais uma vez caírem na bebida. Quando chegou a hora de voltarem para o continente, os marinheiros tiveram de se aventurar em uma pequena embarcação. Estando em apenas seis tripulantes, Pedro e seu companheiro Washington eram os únicos que não haviam bebido, e resolveram colocar seus salva vidas ao notarem que o mar ficava mais agitado na mesma proporção em que cresciam as brincadeiras do restante da tripulação.

As nove horas daquela manhã, a pequena embarcação virou com a força das ondas, deixando os seis a mercê da maré. Não havia maneira de nadar para terra firme era muito longe e eles não tinham forças para isso. O jeito era se deixar levar pela corrente marítima. Sem bóias, os quatro marujos beberrões não conseguiram sobreviver, e Washington havia sido levado pelo mar para outra direção. Pedro estava sozinho, a mercê do tão amado mar. "Tinha certeza de que ia morrer. É a pior sensação que alguém pode sentir", recorda com os olhos marejados.

Certo de que a situação não poderia piorar, durante a madrugada Pedro encarou seu maior pesadelo: um enorme peixe passou entre suas pernas, jogando-o longe, fora da corrente. Juntando o que lhe restava de força, ele consegue voltar para a corrente, já esperando que aquela enorme silhueta viesse em sua direção para dar cabo de sua vida. Naquele momento o nervosismo foi tão grande que ele parou de raciocinar.

O peixe não voltou e Pedro chegou em terra firme ao amanhecer do dia seguinte, na cidade de Natal. Mesmo estando quase sem forças, ele rasteja pela areia da praia até encontrar uma aldeia de pescadores. Contudo, ele não foi socorrido de imediato, pois os pecadores acharam que se tratava de um bêbado. Desesperado, ergueu sua mão com dificuldade e agarrou os pés de um dos pescadores, que o socorreu, levando-o para casa e dando-lhe de comer. Após uma ligeira melhora, Pedro foi levado ao hospital. Lá a enfermeira ficou olhando o náufrago durante algum tempo, até o momento em que tomou coragem e perguntou:

- Seu cabelo é assim mesmo?.

Foi quando ele se deu conta de que parte de seu cabelo havia caído deixando apenas um pequeno "coco-ruto". O stress havia sido grande demais. Depois disso ele apenas conseguiu chorar.

Com o golpe militar em 64, muitos marinheiros foram presos por terem seu comportamento tachado como subversivo

Um ano depois do acidente, durante um evento do Sindicato dos Marinheiros, Pedro reencontrou com seu amigo Washington, que havia sido resgatado por um navio japonês. Como não sabia falar japonês, só foi chegar a terra firme um mês depois, em Porto Alegre. Os reflexos do trauma do acidente também podiam ser vistos nele: seu cabelo havia ficado branco!

Depois deste evento, Pedro nunca mais conseguiu ver a vida com os mesmos olhos. "Durante aquilo tudo, cada segundo foi uma eternidade. Foi nesse momento que aprendi a pensar no futuro", comentou. Ao entrar novamente em um navio, Pedro sentiu algo diferente: agora ele realmente respeitava o mar.

O Egito foi um dos lugares que mais fascinaram o marinheiro

fotos: arquivo pessoal

Pedro permaneceu em Buenos Aires durante sete anos

Fugindo da ditadura

Para fazer a reportagem, solicitei a Pedro Lima que ele me emprestasse um pouco do material dos seus tempos do lobo do mar, e me surpreendi com a escassez de fotos e documentos. Foi quando surgiu mais uma história.

Com o golpe militar em 64, muitos marinheiros foram presos por terem seu comportamento tachado como subversivo. Vendo os amigos serem presos, Pedro resolveu juntar suas economias e fugir para Buenos Aires. Pegou o dinheiro que guardava atrás do espelho e mais uma vez deixou tudo para trás. Mas antes ele teve que parar na casa de um amigo para se esconder até o momento da viagem, mas com uma condição: que fossem queimados todos os registros que poderiam denunciá-lo. Entre fotos e documentos, ele perdeu principalmente um pedaço de sua história, fato que ele lamenta profundamente até hoje: "Fotos eu até não tinha tantas, mas tinhas inúmeros livros, entre ele livros de Lênin, que consegui na União Soviética".

"O Brasil é o melhor e mais bonito país do mundo, não há lugar na terra em que o povo seja tão livre!"

Pedro permaneceu em Buenos Aires durante sete anos, o que fez com que ele passasse a considerar a Argentina como sua segunda pátria. Mas este período fez com que ele percebesse como amava o Brasil. "O Brasil é o melhor e mais bonito país do mundo, não há lugar na terra em que o povo seja tão livre!", enfatizou. Segundo ele, a liberdade é o bem mais precioso que uma pessoa pode ter na vida.

Depois de voltar ao Brasil, Pedro Lima estudou para aperfeiçoar o sistema de produção de calçados, tendo escrita algumas obras a respeito do tema. Nesta época também, começou sua produção artística, mas isso já é uma outra história...

issuu-downloader.com

Crônica

O essencial nunca envelhece

Gelza Lima
4° período de Jornalismo

O que será que anda faltando ao mundo dos homens para se tornar um mundo melhor para esses mesmos homens ?

Não é necessário que os homens mudem muito, e sim que eles aceitem o que já mudou, com naturalidade. É preciso que o homem retorne as suas origens, descubra no reencontro consigo mesmo toda a força que possui em sua fragilidade de humano. Na alegria de um sorriso confortante, no solidário consolo de uma lágrima, na imensurável grandeza de dividir sem pensar no pedaço maior, na felicidade de dar a alguém, simplesmente, aquilo que nós gostaríamos de receber.

Os rostos evidenciam a ação natural e indiferente do tempo, os cabelos já grisalhos e brancos são provas da vivência plena

Os rostos evidenciam a ação natural e indiferente do tempo, os cabelos já grisalhos e brancos são provas da vivência plena; os lábios tem múltiplas histórias para contar; nos olhos, por vezes, amargura, tristeza e alegria se misturam; as mãos, às vezes , trêmulas , carregam marcas da vida, sem reclamar…Esses corpos têm muito mais experiências e conselhos do que rugas e cicatrizes para contar. São jovens senhores e senhoras que sabem valorizar cada marca de idade como marcas da árdua e penosa caminhada humana, rugas construídas em rostos sofridos, mas que tiveram o privilégio de viver plenamente, de desfrutar momentos bons da breve passagem pela vida .

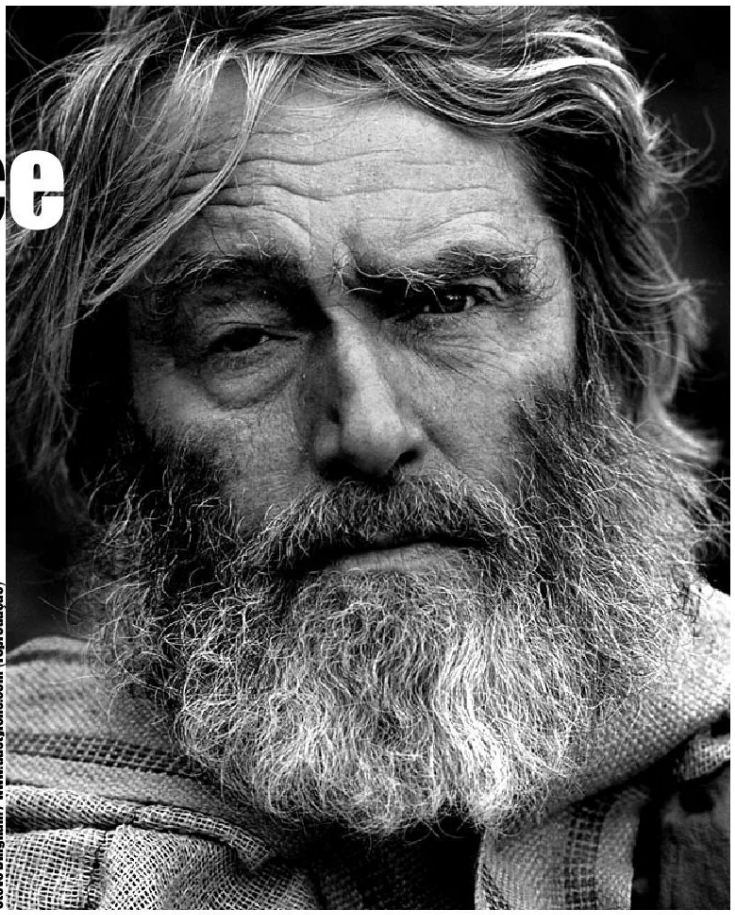
Eles não negam a si próprios o direito de sonhar, compreendem o que é essencial na existência, sabem que "melhor do que sonhar com o inatingível, o quimérico, é despertar para a realidade em nossa volta", para as minúcias, as meras coisas da vida, essas alegrias singelas, feitas de vitórias aparentemente obscuras, mas que nos dão nossas próprias pequenas satisfações e a certeza que ainda existe esperança.

Melhor do que estender os braços, ilusoriamente em busca de uma estrela perdida na imensidão do céu , é colher com zelo e firmeza uma flor que se abriu ao alcance da mão, flor que brotou no infinito e no fantástico jardim de nossa vida.

Donos de entusiasmo e alegria conta-giantes, esses jovens da terceira e melhor idade – como alguns fazem questão de salientar – não abandonam o bom humor, essencial trunfo para uma vida mais leve, menos preocupante. Quando o riso surge, toda e qualquer irritação, ressentimento ou mágoa parece desaparecer imperceptivelmente, cedendo o lugar a um espírito radiante.

Se lhes falta vigor físico, resta-lhes o mais importante, pois "o essencial não envelhece, só engrandece; o ideal não enruga, motiva; a espiritualidade não faz sulcos na face, mas rejuvenesce".

São esses sábios mestres que conseguem extrair, com perícia da vida, as alegrias, e dividí-las generosamente, sem esperar nada em troca. Acreditam que, assim que os homens realçarem a verdade, o respeito, a compreensão, a fraternidade, a retidão, o mundo será visto com outros olhos… talvez nem mude tanto… talvez nem tenhamos homens diferentes, o "mundo apenas voltará a ser do homem e os homens voltarão a ser humanos, aptos a entender que só o coração pode ver que o essencial é invisível aos olhos, e que sonhos jamais envelhecem.



Steve Bingham / www.dustydens.com (reprodução)

Foi numa visita ao UAI (Unidade de Atenção ao Idoso) de Uberaba que essas lições geniais e esses exemplos formidáveis foram encontrados, talvez esquecidos pela sociedade, mas não por si mesmos.

issuu-downloader.com

Crônica

Pés para campanha de TV

reprodução

Gisele Montandon
4º período de Jornalismo

Quem nunca viu na tela de televisão uma mão demonstrando sinais habilidosos em como dar tchau, chamar alguém, "dizer" não com um dedo, sim com o dedão e fazer o sinal da paz? O Brasil inteiro assistiu a essa campanha publicitária *diga não à violência* que se finalizava com um soco.

Levando em consideração a propaganda, por que não fazer o mesmo com o pé? Pois, cada pé possui cinco dedos, unhas e bactérias assim como as mãos. Eles também são úteis e dizem muito. Eles se expressam, caminham, correm, pulam, sentem cócegas e frio. No momento de preguiça da mão são eles que pegam uma meia jogada no chão e sem eles ninguém se deslocaria de um lugar para o outro. Os dedos dos pés também são habilidosos. Eles se movem e alguns até usam anéis.

No momento de preguiça da mão são eles que pegam uma meia jogada no chão

Porém, para uma campanha publicitária do mesmo tema seria um pouco complicado, pois nem todo pé é bonitinho nem tão bem cuidado – para isso requer uma manutenção cara. Ele teria que ser no mínimo limpinho e sem rachaduras no calcanhar, o que parece impossível. Então, teria que ser feito um concurso televisivo: "*pés para campanha de TV*", apareceria de e de todos os tipos. Pés com frieiras, calos, dedos cabeludos, unhas grandes e amareladas e o pior: com chulé. Todos em busca da fama. Não há quem aguente! Porém, o Brasil porta essa variedade charmosa e mesmo assim teriam que ser escolhidos a dedo de mão.

A campanha publicitária seguiria um roteiro semelhante ao anterior. O pé deveria habitar dedos habilidosos e que ambos dessem tchau, num gesto de simpatia, ao telespectador (os críticos acreditariam realmente que o tchau seria dado à sensibilidade e ao senso criativo da emissora), eles passeariam aparentemente saudáveis e chutariam cinematograficamente em direção ao cameraman para finalizar a propaganda *diga não à violência*.

Mesmo nesse caso, a aparência é tudo e ainda há quem escolhe um casamento pelo pé e se esquece de cuidar do próprio. Mas seria interessante…

Crônica

Elogios aos mortos

Fernando Machado
7º período de Jornalismo

É bastante comum se ouvir dizer que, no campo das artes principalmente, o sujeito só tem seu mérito reconhecido depois de morto. Não é totalmente verdade. Afinal, os prêmios nobels não são distribuídos à revelia, e os grandes homens e as grandes mulheres não vivem fora das sociedades e da realidade. Certo, muitos gênios, de diversas épocas, viveram anônimos e só ganharam notoriedade anos após a morte, o que é normal. Mas é de duvidar que a notoriedade lhes tenha parecido o mais alto fim de suas vidas.

Quando morre uma pessoa que já era consagrada enquanto viva, todo mundo tem uma história fantástica com o falecido para contar.

Entretanto, depois que o santo morre, aumentam os seus milagres. E assim, quando morre uma pessoa que já era consagrada enquanto viva, todo mundo tem uma história fantástica com o falecido para contar. Umas verdadeiras, outras não. Rapidamente o defunto se torna, na boca do povo, "uma pessoa à frente do seu tempo" e por trás dos adjetivos elogiosos (alguns muito criativos, aliás), se esconde não sei se a ligeira intenção de receber algum quinhão da herança ou uma simples manifestação de insanidade coletiva, ou os dois. No velório, enquanto o corpo está sendo velado, ao redor do caixão (e mesmo a distâncias bem grandes) vão crescendo tanto a paixão nos elogios quanto a intimidade que os presentes dizem ter tido com o "saudoso".

Eu gostaria de saber, por exemplo, por que o Chacrinha é considerado um gênio da televisão. Se é, por que o Bolinha não pode ser? Será que o Faustão também vai virar gênio depois que morrer? Realmente é indiscutível que Roberto Marinho, morto mês passado, foi um visionário. Mas foi também um empresário astuto que usou a Rede Globo como instrumento de manobras políticas tortuosas. Mas não vamos citar a edição do Jornal Nacional na antevéspera do segundo turno da eleição presidencial em 1989, feita sob a sua supervisão, e nem pensar nas intimidades que manteve com o poder ao longo dos governos por um motivo de educação: não se deve falar mal dos mortos. Mas "pai da democracia", convenhamos, já é demais.

Ilustrações: reprodução
montagem: Revelarte

issuu-downloader.com

Esporte

“Enquanto você não faz nada, eu nado !”

Campeonato de natação incentiva o esporte e sustenta que a inclusão social é possível

Mariana do Espírito Santo
3º período de Jornalismo

fotos: Fábio Luís da Costa

Flagrante no momento de largada do campeonato de natação do Instituto dos Cegos no Brasil Central

“*Enquanto você não faz nada, eu nado!*” é o *slogan* criado pela equipe de professores de natação do ICBC – Instituto de Cegos do Brasil Central – para mais um campeonato de natação da instituição e para o incentivo ao esporte. “Queremos que principalmente as crianças vejam na natação um lazer a mais”, comenta Isaias Paula Júnior, professor de natação da Instituição.

Há vários anos, o ICBC desenvolve esse projeto; anteriormente, ele era voltado aos seus alunos internos, interagindo os deficientes visuais e o esporte. Hoje, a competição se tornou ainda maior, pois o objetivo é a socialização entre os alunos da Instituição e a comunidade.

Dos 70 atletas participantes, com idade entre seis e 17 anos; 15 são deficientes visuais. “Isso demonstra que a deficiência visual não é uma barreira para as pessoas e, felizmente elas têm na natação um apoio para superar essa grande dificuldade” comenta Isaías.

O evento foi marcado pela alegria e pelo entusiasmo de professores, alunos e pais. “Fizemos o máximo para que fosse uma festa, uma confraternização. Os pais dos alunos participantes incentivaram e ficaram bastante felizes. Sensibilizar o grupo familiar também era um de nossos objetivos” diz o professor.

E quem pensa que o campeonato do ICBC foi apenas para iniciantes, está muito enganado. Diego Rodrigues, aluno do ICBC, tem 16 anos e há três pratica natação. Já conquistou vários títulos, entre eles o primeiro lugar no Campeonato Brasileiro realizado no Rio de Janeiro em maio deste ano. “Adorei essa iniciativa dos professores do Instituto. Fico feliz de poder participar da competição, perdendo ou ganhando. Mas é claro que quando ganho é melhor ainda” comenta o atleta, com sorriso no rosto.

Dos 70 atletas participantes, com idade entre seis e 17 anos; 15 são deficientes visuais

Para a equipe de professores, o evento foi um sucesso, e provocou a idealização de outra competição que será realizada no final deste ano, que envolverá atletas de várias ideade e categorias, desde crianças até idosos. Iniciativas como esta povam que o sustento do esporte e a socialização entre as pessoas ultrapassa quaisquer barreiras – inclusive a do preconceito.

Se você quiser participar da equipe de natação do ICBC, entre em contato pelo telefone (34) 3321 5546. Sua participação é muito importante pois, além de cuidar da saúde, você contribuirá para que a Instituição continue com seu trabalho.

A confraternização é descontraída e começa no pódium

Parte da equipe posa para foto oficial

issuu-downloader.com

A calçada da fama te espera.

festival universitário do minuto

Participe do evento mais criativo da Semana de Seminários.
Mostre seu talento e deixe sua marca.

issuu-downloader.com